

## FESTAS E CARNAVAL EM JUIZ DE FORA/MG (1876 – 1915)

**Recebido em:** 28/03/2010

**Aceito em:** 21/08/2010

*Priscila Gonçalves Soares*<sup>1</sup>  
*Carlos Fernando F. Cunha Junior*<sup>2</sup>

Universidade Federal de Juiz de Fora  
Juiz de Fora – MG – Brasil

**RESUMO:** A partir da década de 1870, Juiz de Fora/MG passa por um intenso processo de modernização, um momento de transformações velozes, de intenso consumo de mercadorias, de crença no progresso e na ciência (GIDDENS, 1991). Neste período observamos em diversas cidades brasileiras o desenvolvimento das práticas corporais e de diversão, identificados como símbolos modernos. Nossa pesquisa analisa o desenvolvimento das práticas corporais e de diversão na cidade de Juiz de Fora entre 1876 e 1915 através do *O Pharol*, principal periódico da época. Neste trabalho analisamos a presença das festas e do carnaval no cotidiano da população juizforana.

**PALAVRAS-CHAVE:** Atividades de Lazer. Cultura. Juiz de Fora.

### ENTERTAINMENT AND CARNAVAL IN JUIZ DE FORA/MG (1876 – 1915)

**ABSTRACT:** From the 1870s, Juiz de Fora / MG lives an effective process of modernization, a time of swift change, with intense consumption, belief in progress and science (GIDDENS, 1991). In this period we observe in several Brazilian cities, the development of physical activities and entertainment, identified as modern symbols. Our research examines the development of physical activities and entertainment in the city of Juiz de Fora between 1876 and 1915 by *O Pharol*, leading periodical of the time. We examined the presence of the parties and the carnival in the daily population from Juiz de Fora.

**KEYWORDS:** Leisure Activities. Culture. Juiz de Fora.

O presente trabalho caminha pelos trilhos do contexto histórico conhecido como Modernidade. Trabalhar na trama deste período histórico de mudanças que englobam,

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação/ PPGE-UFJF; Professora Substituta da FAEFID/UFJF.

<sup>2</sup> Doutor em Educação pela UFMG; Professor Adjunto IV da UFJF.

para o nosso estudo, o final do século XIX e início do XX significa se enveredar por caminhos pautados na mudança, na transformação, na modificação, na reorganização. É um período que significa e re-significa a política, a economia, a cultura e o social; realça os marcos e traços que anunciam um novo caminho somente de ida, sem possibilidade de volta, para a população mundial.

Esse caminho trilha transformações que envolvem todos os espaços, que transitam entre o público e o privado, que modificam a noção do indivíduo que agora se encontra inserido em um contexto de multidão, permeado por novas formas de construção e arquitetura utilizando-se de novos materiais indo do ferro ao aço.

Se pensarmos a modernidade na França a partir de 1850, perceberemos que neste período, George Eugène Haussmann era prefeito de Paris e, a mando de Napoleão III, implantava um grande projeto de modernização através da construção dos famosos *bulevares*. Junto com estes, caminhava uma proposta de planejamento urbano contando com mercados, pontes, saneamento básico, entre outros, que se firmavam enquanto estratégia a possibilitar a ascensão de novas bases econômicas e sociais que mudariam o estilo de vida da população para sempre.

Nessa perspectiva de progresso, a Europa vivia um verdadeiro fervor. Paris era a capital luz que irradiava o progresso para o mundo. O comércio crescente, as vitrines que prendiam a atenção dos transeuntes (pessoas que começavam a trocar o convívio privado para o público), tudo criava um novo contexto social permeado pelo ver e ser visto; as máquinas trabalhando a todo vapor, o capitalismo em ascensão, os meios de transporte cada vez mais rápidos propiciavam um maior intercâmbio entre os países, as grandes avenidas próprias para os carros e as calçadas para os pedestres facilitavam a vida das pessoas e as convidava para sair do privado e viver um novo mundo.

Renato Ortiz (1991) cita um estudo de Charles Rearick que estudou a emergência de uma cultura de entretenimento na França. Sua análise sintomaticamente se inicia com a comemoração do primeiro 14 de julho<sup>3</sup> e, a partir desta comemoração, o espírito festivo se difunde em todas as camadas da sociedade. A comemoração começou como uma festividade política, mas através das repetições elas perderiam seu contexto original transformando-se em mero divertimento.

Animados com esse novo ramo e a possibilidade de mais lucro foi que capitalistas investiram na cultura do lazer e o fizeram enquanto mercado rentável. De acordo com Weber (1988), este era um produto tão apreciado pelas pessoas, que mesmo diante de crises nas indústrias e no comércio o mercado voltado para o entretenimento e lazer não sentia os abalos e continuava em ritmo de expansão e crescimento.

Para Clark (2004), algo estava acontecendo, o lazer estava se tornando um movimento de massa, uma parte da vida social estava sendo capitalizada; e neste, grandes lucros poderiam ser obtidos. Essa forma de divertimento assumia formas cada vez mais espetaculares: o parque, o balneário, o dia no rio ou nas corridas de cavalo, o café-concerto, o torneio de futebol, o *Tour de France* e os Jogos Olímpicos.

Weber (1988) ainda nos mostra que as pessoas começavam a ter uma maior facilidade de acesso ao lazer. A eletricidade, a melhoria dos transportes e a expansão das estradas ajudaram a alavancar a indústria do lazer e do entretenimento, criando novas possibilidades e oportunidades de divertimento:

No século XIX, os dias santos transformaram-se em férias: semanas ou meses feitos apenas de domingos. Um número cada vez maior de pessoas passara a ter acesso ao lazer e às suas atividades, reservadas até em tão a uma pequena minoria, e o quanto de século que precedeu 1914 presenciou uma aceleração desse processo. Foi o ponto culminante na história humana, até então, do curismo e do turismo. (WEBER, 1988, p. 216).

---

<sup>3</sup> 14 de julho de 1789 marca a tomada da Bastilha.

Dentre as possibilidades de lazer e práticas corporais que abarcavam a modernidade na França do século XIX, há ainda as feiras, feriados, festas religiosas, os encontros familiares, bandas de músicas, sociedades musicais, concertos, os passeios de bicicleta e também a pé, o turismo, o curismo, circos, teatros entre outras.

### **- Brasil (Rio de Janeiro e Juiz de Fora) no contexto da modernidade**

Pensando no Brasil:

O Rio de Janeiro, capital do Brasil àquela altura, incorporava plenamente o papel da metrópole, sede do governo, centro cultural, foco do desenvolvimento, irradiadora dos novos hábitos e costumes. Nessa cidade identificamos claramente um processo de busca do espaço público como *locus* de vivência social e de valorização das atividades de lazer, obviamente com peculiaridades e diferenças do que ocorria no cenário europeu. (MELO, 2008a, p.191).

Com os olhos sempre voltados para as transformações que aconteciam na Europa e na América, o Brasil sentia as mudanças que vinham ocorrendo e, na perspectiva de se firmar e se desenvolver enquanto nação, aproveitou o fervilhar das transformações em prol da modernidade.

Em meados do século XIX, o Brasil era capaz de sentir o início de um processo de intensas transformações. Neste contexto, o Rio de Janeiro era a sede do governo e o principal porto de entrada do país. Por esta cidade chegavam os produtos industrializados e refinados do “mundo civilizado europeu”. Junto com os produtos, chegavam também novidades da Europa: notícias, pessoas, modas, costumes, novas práticas culturais e corporais.

O Rio de Janeiro, no século XIX, era uma cidade em situação precária em diversos setores. A sujeira se espalhava por todos os cantos. Os serviços de limpeza e higiene eram insuficientes, as redes de esgoto (quando existentes) corriam a céu aberto,

a distribuição de água era irregular. A preocupação com o sanitarismo era incipiente. A população da cidade vivia em péssimas condições de saúde e moradia. Queiroz (1986) e Chalhoub (1999) nos mostram que o Rio era uma cidade “assombrada” por pestes, pragas e doenças que matavam grande parte da população devido à falta de cuidados médicos e sanitários necessários.

Nesta busca pela modernização e a construção de uma identidade nacional pautado em modelos europeus, observamos a expansão da cidade e uma preocupação na construção dos *boulevares* brasileiros. Estes permitiriam o tráfego fluir pelo centro da cidade e mover-se de um extremo ao outro (BERMAN,1986).

Na perspectiva de transformação da cidade do Rio de Janeiro com base nos moldes europeus, os filhos de grandes latifundiários e políticos foram muito importantes. Preocupados com a educação dos filhos, muitos mandavam seus filhos estudarem na Europa.

Os estudantes que retornavam da Europa vinham de uma nova experiência de vida muito diferente daquela vivida no Brasil. Junto com o retorno ao país, os estudantes traziam novos hábitos e costumes, assim como práticas corporais já difundidas na Europa que caminhavam lentamente até chegar ao Brasil.

O contexto de modernização permeado pelo desenvolvimento da industrialização, crescimento da zona urbana e a ascensão de uma camada empresarial era favorável ao desenvolvimento das práticas corporais, ao desenvolvimento do esporte e de atividades de diversão.

Pereira Passos, ao retornar ao Brasil após estudos na Europa, trouxe novas propostas e projetos de mudança e tentou implementá-las no Rio de Janeiro. Seus projetos incluíam a construção de largas avenidas, reconstrução do Porto do Rio de

Janeiro, proposta de uma nova forma arquitetônica, melhoramento nas condições sanitárias, transporte, esporte, entre outras.

De acordo com Melo (2006a, p 1), essas intervenções urbanas foram fundamentais para ascensão de uma nova experiência social pautada pelo lazer:

Certamente esse conjunto de intervenções multifacetadas pelas quais passaram as cidades, deu origem a novas experiências sociais. As atividades de lazer não só foram uma delas, como talvez a mais típica desse processo. Cafés, parques, estádios, teatros, possibilidades de acesso ao subúrbio, imersos em um a crescente estrutura comercial, mudam sensivelmente os parâmetros de vida.

Percebemos uma maior disseminação e organização das atividades de lazer, assim como de práticas corporais e esporte nesse período. Melo (2006b) trabalha com a tese de que a dança, o cinema e o esporte se articulam com o ideário inovador da modernidade e se articulam na perspectiva da criação de uma nova sociedade, permeada por um novo padrão de vida que incluía o desafio, a velocidade, o corpo, o prazer e a exposição, caindo no gosto das camadas médias e populares. O autor ainda ressalta que:

A prática esportiva estava diretamente articulada com os sentidos e significados de um novo *modus vivendi* que incluía o desafio, o movimento, a exposição corporal, a velocidade, a busca do prazer e da excitação, a crença na ciência e no progresso, a ideia de multidão, a formação de uma cultura urbana que também dialoga com o gosto das camadas médias e populares. (MELO, 2006, p.202).

As práticas corporais, os esportes e o lazer conquistam a sociedade moderna e mais do que isso, são marcos modernos para uma população em desenvolvimento que passa por um processo de transição em busca do novo. Assim:

É nesse cenário de transição dos séculos XIX e XX que podemos observar na cidade o desenvolvimento e a melhor estruturação de um mercado de diversões, que incluía espetáculos musicais e teatrais, os primeiros momentos de nosso cinema e o crescimento da organização, presença e diversificação das práticas esportivas, em que se destaca o remo.[...] O remo é o esporte que se vai adequar mais plenamente às novas características urbanas em delineamento, estando eivado de uma forte preocupação moral que marcava os “novos tempos”. (MELO, 2008b, p.28).

Pensando desta forma, investigamos as práticas de diversão (festas e carnaval) na cidade de Juiz de Fora/MG.

Segundo Oliveira (2006), em 1850, Juiz de fora é elevada à categoria de vila e deixa de ser parte da administração de Barbacena. Somente três anos depois foi criada a primeira legislatura da Câmara Municipal da futura cidade.

Entre 1853 e 1872 a população da *freguesia de Santo Antonio do Paraibuna* – que englobava os moradores da cidade, dos povoados e das áreas rurais do distrito-sede do município de Juiz de Fora -, experimentou um notável crescimento de 190,36%, passando de 6.466 para 18.775 pessoas, numa média de 10,02% ao ano. No mesmo período, o incremento anual médio da população livre (19,76%) foi bastante superior ao da população cativa (4,11%) nessa freguesia, que, em menos de duas décadas, elevou sua participação percentual no total de habitantes recenseados no município de 23,26% para 44,01%. (OLIVEIRA, 2006, p.3).

Christo (1994) nos mostra que, se pensarmos nesses números, perceberemos que diferentemente da cultura colonial mineira, Juiz de Fora se desenvolve e adquire ares de cidade e entendemos o porquê que em pouco tempo (devido à representatividade, imponência, prosperidade e civilidade) Juiz de Fora chega a ser considerado o maior centro cultural do Estado.

Grande parte desse mérito foi devido à construção de um sistema viário moderno para a época que ligava Juiz de Fora ao Rio de Janeiro. Christo (1994), Oliveira (2006) e Blasenheim (1982) mostram que esse se iniciou em 1861 com a inauguração da estrada União e Indústria e, em 1875, a inauguração da Estrada de Ferro D. Pedro II, além de agilizar e melhorar a qualidade do transporte de cargas do interior de Minas Gerais para o Rio de Janeiro, estreitou os laços entre as regiões próximas.

Assim como Berman (1986) destaca a fluidez do tráfico pelo centro de Paris através da construção dos *boulevares*, podemos também perceber que Juiz de Fora investia na modernização de suas instalações urbanas permeada pela construção de seus próprios *boulevares*.

Com a construção da Estrada União e Indústria e o incremento da população urbana, os ares cosmopolitas da capital do Império chegavam de forma mais rápida a Juiz de Fora, passagem obrigatória dos produtos que eram levados do interior para a capital ou que eram trazidos da capital para o interior.

Nessa perspectiva de progresso, assim como na Europa, Juiz de Fora vivia um momento de grandes transformações. As relações de comércio eram cada vez mais fortificadas e novos comerciantes começavam a se destacar. O comércio traz para a cena urbana da cidade as vitrines que, assim como em Paris e no Rio de Janeiro, eram a nova sensação para os olhos dos consumidores.

De acordo com Christo (1994), o vai e vem da cidade era anunciado pelos apitos das fábricas que marcavam o tempo e direcionava a disciplina dos trabalhadores. Os sinos das igrejas, característicos do interior de Minas Gerais, pareciam não ser ouvidos em Juiz de Fora. O som se confundia com os tamancos dos trabalhadores ao entrar ou sair das fábricas.

Juiz de Fora está localizada em uma área privilegiada. Seu desenvolvimento tanto urbano quanto econômico justifica-se principalmente pela grande produção cafeeira da zona da mata no final do século XIX que transitava pela cidade até chegar ao Rio de Janeiro. Este é um ponto que distancia os juizforanos de uma identidade mineira, permeada pela atividade de mineração.

Observamos que, não por acaso, Juiz de Fora se desenvolveu com os olhos voltados para o Rio de Janeiro, seja na perspectiva de escoamento de produtos ou de importar maquinários. De acordo com Christo (1994), a cidade mineira adquire e mantém costumes e hábitos que a aproxima mais de uma identidade carioca que propriamente mineira:



Sebastiana remexe lá dentro um colherão de pau, gira, gira, Sebastiana dia que tem vontade doida de ir a Minas Gerais, Mamãe diz: mas Sebastiana você mora em Minas Gerais, ué gente, eu pensava que eu morasse em Juiz de Fora [...] (CHRISTO,1994, apud MENDES, 1968, p.20).

E essas aproximações não se restringem somente ao Rio de Janeiro. Devido ao grande desenvolvimento urbano e industrial da cidade Juiz de Fora, esta foi comparada às grandes metrópoles, recebendo elogios como “Manchester Mineira” e “Atenas de Minas”.

[...] o desenvolvimento extraordinário de atividades urbanas capazes de conferir á cidade o estatuto de “Manchester Mineira”, “Barcelona Brasileira”, “Princesa de Minas” e “Atenas de Minas” entre outros codnomes deu-se graças, sobretudo ao aprofundamento das atividades mercantis que foram sustentáculo da constituição do pólo urbano, e das atividades industriais que garantiram á cidade o papel de maior pólo industrial mineiro até as primeiras décadas do século XX. (MIRANDA, 1990, p.122).

Esse processo de crescimento econômico da cidade teve reflexos na melhoria da área central da cidade, a partir de 1876. Segundo Oliveira (2006), a cidade era marcada por epidemias, insalubridade, analfabetismo, entre outros. Assim, diversas medidas foram tomadas para criar condições de infraestrutura na cidade, desenvolver as atividades comerciais, agrícolas e manufatureiras; também aproximar de padrões de salubridade, tecnologia, segurança e formas das potencias capitalistas européias.

O ideal da burguesia emergente de Juiz de Fora era justamente civilizar. Mas para eles, civilizar era se aproximar e se identificar, principalmente, estar nos moldes do Rio de Janeiro:

Assim, civilizar-se significava estar próximo à vida mundana do Rio de Janeiro, se prendendo nas teias de um “colonialismo interno”; ser “carioca do brejo”, ser um “trecho de terra cercado de piano por todos os lados [...] (CHRISTO, 1994, p.12).

Oliveira (2006), Christo (1994) e Silva (2006) nos mostram que, por conta dos investimentos e das melhorias que estavam sendo realizadas na cidade, houve um maior desenvolvimento dos serviços. Em 1881, damos destaque a Companhia Ferrocarril

Bondes de Juiz de Fora. Em 1883, o telefone chegou à cidade através da Companhia Telefônica do Brasil. Com grande circulação de divisas, dois bancos foram fundados: o Territorial e Mercantil de Minas (1887) e o Crédito Real de Minas (1889). O serviço de iluminação pública foi impulsionado pela criação da primeira usina hidrelétrica da América Latina, a Companhia Mineira de Eletricidade (1889).

De acordo com Christo (1994), as práticas de diversão são um exemplo desse processo, já que os juizforanos se identificavam mais com as diversões comuns no contexto carioca do que com as festas barrocas mineiras. Os trabalhadores se divertiam nos circos de cavalinho, cervejarias e piqueniques, enquanto a elite frequentava os teatros e saraus. A distinção social também atravessava o campo das práticas de diversão.

Tudo isso nos permite perceber a modernidade em Juiz de Fora através das mudanças na sua paisagem urbana, do desenvolvimento do seu comércio e indústria, da abertura de ruas e estradas, do incremento do sistema de transportes, da proliferação de instituições educacionais, do aumento das atividades de diversão e da valorização do exercício corporal via discurso médico. Esses fatores, como vimos, coincidem de certa maneira com aqueles vivenciados em cidades européias e no Rio de Janeiro.

#### **- Festas**

Nessa categoria agrupamos diversas atividades festivas que eram comemoradas em Juiz de Fora e noticiadas no *O Pharol*: carnaval, bailes, *soirées* dançantes, saraus, festas beneficentes, bandas de música e concertos musicais.

Patrícia Almeida (2006) realizou pesquisa que discute a inserção dos libertos e seus descendentes em Juiz de Fora no início do século XX através dos espaços

informais de sociabilidades – bares, biroscas e festas de rua. A pesquisa da autora nos ajuda a dar visibilidade a uma importante questão que praticamente não aparece em nosso trabalho sobre as práticas corporais e de divertimento em Juiz de Fora: o problema da escravidão e dos negros libertos. A presença destas pessoas nas práticas que analisamos é silenciada pelo jornal<sup>4</sup>, se é que ela existia. Almeida (op. cit.) nos ajuda a perceber que Juiz de Fora era uma espécie de “cidade partida”, divisão que atravessava, inclusive, as práticas corporais e de divertimento. Teatros, cinemas, ginástica e esportes eram práticas de uso restrito a uma elite. De acordo com seu estudo, restavam aos negros e libertos, os bares, as biroscas e as festas de rua. E mesmo nesses locais, estes indivíduos eram reprimidos pelo aparato policial, como notamos através da nota publicada em 1877.

**Batuque.**—Por causa de um batuque na rua de São Matheus, forão dormir no xilindró nada menos de 11 pessoas !  
Quem mais gostou da festa foi o Manoel Esteves.

FIGURA 1- Batuque  
Fonte: O Pharol 07/06/1877, p. 2.

Ainda de acordo com Almeida (op. cit., p.97), as danças e outras tradições negras eram perseguidas e consideradas “expressões de alta sensualidade e imoralidade que não que não estavam de acordo com os bons hábitos pregados pela igreja.”

---

<sup>4</sup> São frequentes as notícias e anúncios relatando a fuga de escravos, ou seja, os negros estão no *O Pharol*, mas nesta condição.

Entretanto, a autora salienta que no espaço “livre” das festas de rua, como as festividades religiosas e o carnaval, existia a possibilidade de um convívio pacífico entre os diferentes extratos da sociedade juizforana. Segundo a autora:

No espaço aberto das igrejas e nos desfiles das ruas, a dimensão do conviver era ampliada, não apenas no tocante a estar do lado de uma pessoa de “outra cor”, socialmente superior ou inferior, o que realmente vai importar são as atitudes comuns a todos, como os cantos religiosos, o ritual que marcava as procissões, as músicas cantadas nas ruas durante o carnaval, as danças que, mesmo em espaços diferentes, eram as mesmas, o comer e beber nas barraquinhas das festas. (ALMEIDA, 2006, p.75).

Para a realização das festas religiosas eram publicadas notas no *O Pharol* que convidavam a população para participar do evento, que teciam agradecimentos à participação e colaboração da sociedade, que solicitavam auxílio para realizar a festa, e que nomeavam os responsáveis pela organização geral, os festeiros:

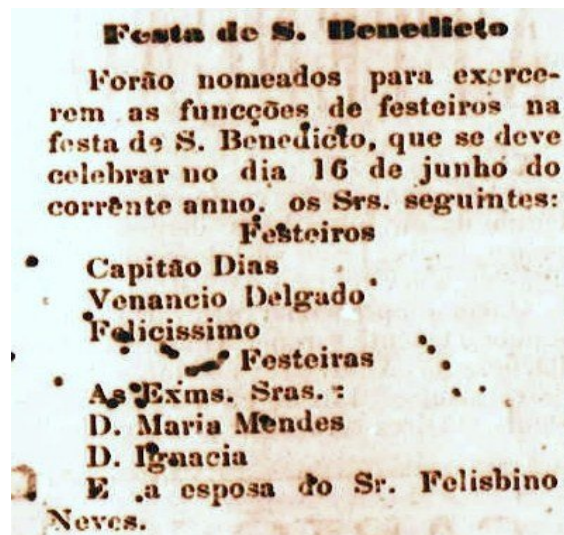


FIGURA 2- Festa de São Benedito  
Fonte: O Pharol 17/02/1876, p.1.

As reivindicações pelo tempo de lazer e divertimento apareceram através da reclamação de trabalhadores, os caixeiros, que solicitavam aos patrões que adiantassem o horário do seu expediente para que eles pudessem participar de uma festa religiosa.

Era comum que os empregadores mantivessem seus comércios abertos em feriados e dias santos, restringindo a vivência dos trabalhadores do tempo do lazer.

**Fechamento das portas**

**E' hoje dia de Santo Antonio, dia em que todos gostao de se divertir e de esquece: um pouco os trabalhos da vida.**

**Pela primeira vez a muito tempo celebra-se aqui a festa do glorioso padroeiro e todos estão com vontade de assistir a ella.**

**Não será pois justo que sejam os caixeiros os unicos que não possam gozar de um pouco de liberdade e por isso pedem aos seus patrões para que fechem as casas de negocio das tres horas da tarde em diante.**

FIGURA 3- Reivindicação pelo tempo de lazer  
Fonte: O Pharol 13/06/1877, p.2.

Ainda que notemos as restrições no tempo de lazer de vários segmentos da população juizforana, é interessante a reflexão de Almeida (2006, p.77) sobre a importância deste tempo e sua dimensão sagrada:

O lazer possibilita o entrosamento e convivência e, apesar de estar submetido pelas regras do espaço público, é uma brecha no cotidiano que se faz sentir pela liberdade promovida. A rua é o espaço que traz à tona esse sentimento de troca, de ir e vir livre do tempo do trabalho, a roupa enfeitada produz esse efeito simbólico de acordo com a festividade, a sintonia do caminhar em procissão, tornando o lazer um elemento tão sagrado quanto qualquer outro.

## **- O Carnaval**

Um dos temas que chamou nossa atenção a partir dos jornais foi a realização das festas na cidade. Festas religiosas, mas, sobretudo, as festas do período do Carnaval. A

cidade é o espaço da modernidade, “é o corpo social cuja integridade é necessária à felicidade de cada um” (TOURAINÉ, 1998, p.24).

As matérias e anúncios nos mostraram uma Juiz de Fora festiva, especialmente na época do Carnaval, quando parte da população reunia-se nos bailes e salões, mas também no espaço público das ruas e praças da cidade.

Os bailes carnavalescos eram organizados por associações e clubes: Neptuninos, Diabos Carnavalescos, Club Luso-Brasileiro. Em todos os anos pesquisados, ou seja, entre 1876 e 1915, notamos nos jornais diversos anúncios e relatos sobre as festas e bailes.

**C. N.**  
**CLUB DOS NEPTUNINOS**  
SOCIEDADE CARNAVALESCA

**Hoje!... Grande folia !!! hoje!!!...  
Sabbado, 11 de Fevereiro de  
1882, haverá surprehendente  
chinfrinada no  
PALACIO OCEANICO!**

Estrondosa festa ! Inauguração ruidosa do nosso mogestoso  
**ESTANDARTE!**

Diplomatic recepção do nosso Neptuno, rei das aguas,  
pelos dilectos e folgozes carnavalescos — Neptuninos — que ao  
lado das suas formosas — Nymphas — metamorphosadas em  
**ONDINAS**  
por artes de berliozes e berliozes, promettem festejar com soberbo en-  
thusiasmo o immortal e brincalhão

**DEUS MOMO**  
como a divindade mais typica e burlesca conhecida até hoje entre  
os filhos do grande

**GLOBO TERRAQUEO**

Segundo o que já tive a honra de vos communicar pela Gazeta  
de Quarta-feira, logo que findar-se o acto solemne e ceremonioso da  
inauguração do Estandarte sahirá para o olho da rua um nunca  
visto, nunca sonhado, nunca pensado e nunca imaginado

**ZÉ PEREIRA**

com todos os fit e rrrr para mais abrihantar a nossa pomposa festa  
e sobre o qual vos digo o seguinte:

Baixo, trompas e rabecetas  
Flautas, flautins e clarinetas ;  
Violas, violinos e violões ;  
Charamelas, clarins e violetas ;  
Barytonos, pandeiros e bombardões ;  
Barrotes, sacos-hornas e cornetas ;  
Fagotes, fagotins e serpentões ;  
Bombos, pratos, trompas e massetas ;  
Assobios, latas velhas e cantinas ;  
Docentes das mais bellas corentas ;  
Pifanos, ferrinhos, campainhas ,  
Farsos tal confusos e tal balbúrdia,  
Barulhada tão sem goito e tão esturda  
Que será das diabruras a rainha !

Ora... cobolorio, Brás, amoladoras Musas ! Por causa do Vosso  
Excellencia lá foi um accento ! ! Um só não quero eu ter quando  
chegar á posse-vós ; portanto, as senhoras precisão de

FIGURA 4- Anúncio de Baile de Carnaval do Club dos Neptuninos

Fonte: O Pharol, 11/02/1882, p.4.

Juiz de Fora, cidade mineira, também influenciada pelos sinos das Igrejas, durante o Carnaval deixava-se dirigir por *Belzebut*:



FIGURA 5- Anúncio de Baile de Carnaval dos Diabos Carnavalescos  
Fonte: O Pharol, 26/02/1884, p.4.

Flores (1999) explica que o entrudo era uma das formas mais populares de se brincar o carnaval nas ruas. De origem ibérica, esta manifestação foi trazida para o Brasil pelos portugueses, na qual os foliões atiravam entre si os limões de cheiro, água, ovos e farinha, e os transeuntes eram muitas vezes pegos de surpresa, sendo obrigados a resignar-se com as roupas molhadas ou sujas pelos foliões. O objetivo era molhar e sujar o outro.

Essa prática era corrente em várias cidades brasileiras, como Juiz de Fora:

Batte-nos à porta o folguedo carnavalesco, e d'ahi os desconchavados Zé Pereira que desde alguns dias enchem o ar de ruidosas desharmonias: as moças fecham-se para não ser molhadas e os rapazes, agitando a elegante bengallinha, sorriem-se d'aquella cautella, que tradusem sabiamente por uma provocação. (O PHAROL, 24/02/1881, p.1).

O articulista fala do entrudo juizforano de maneira romântica, talvez para criticar o modo como o mesmo era vivenciado no Rio de Janeiro:

Na côrte, porém, o entrudo é muito diverso do que entre nós, é o que não resta duvida. Allí molha-se a torto e a direito, á conhecidos e desconhecidos, não se respeita sexo, nem idade, não se indaga o estado de saúde ou de enfermidade das victimas: molha-se com água, vinho, composições de assafetida, tinta de escrever e até com (...) Ora, entre nós, não se dão estes abusos e é mesmo necessário haver grande intimidade entre as pessoas que se entregão a este inocente divertimento (O PHAROL, 24/02/1881, p.1).

Ainda buscando uma comparação com o carnaval carioca, continua o mesmo articulista:

Enquanto isto dá-se aqui pela roça, o que vai pela côrte? As sociedades carnavalescas preparão-se para neste anno excederem em brilhantismo à tudo quanto se tem visto até hoje em mascaradas: versos, programmas, discursos, presentes, allusões, criticas, emfim cousas novas, que eu mesmo não sei (O PHAROL, 24/02/1881, p.1).

Em 1884, Juiz de Fora apresentava práticas carnavalescas que iam além do entrudo, como o desfile de carros e a própria ornamentação da cidade:

Têm corrido muito animados os festejos carnavalescos e cremos que não há memória de se ter visto tanto entusiasmo nesta cidade. As ruas forão ornadas com muito capricho e gosto, sobresahindo a rua da Imperatriz, assim como a parte da rua Halfeld compreendida entre as do Imperador e Direita. De distancia e distancia, achão-se collocados diversos painéis com allusões criticas á assumptos da actualidade; a enchente, os bonds, a projectada exposição Sul-americana, a polícia, o jogo, a casa de caridade (O PHAROL, 26/02/1884, p.1).

A imprensa registra o Carnaval juizforano e ressalta marcas desta festa, tais como a irreverência e a crítica política. Assim, em 1884, alguns foliões organizaram um carro no qual placas foram escritas com promessas e projetos apresentados por autoridades locais. As placas ficavam dentro de um caixão:

De vez em quando abria-se o caixão e apparecião dous projectos que erão immediatamente encomendados por um frade que ia ao lado do caixão. Seguia-se immediatamente um outro carro com allusão ao telephone, sobresahindo entre outras queixas que ião formulando os que estavam no carro, a dos proprietários que bramavão contra os estragos feitos nos telhados de suas casas (O PHAROL, 26/02/1884, p.1).



A maior parte dos bailes noticiados entre 1876 e 1915 ocorreu nas instalações do Teatro Perseverança, instituição importante de Juiz de Fora, destinada principalmente às peças de teatro.

Temos notícias também da realização de festas carnavalescas nas ruas da cidade. A notícia a seguir nos mostra um pouco do contexto carnavalesco juizforano em 1915: as músicas cantadas, as críticas realizadas, os carros alegóricos, o movimento do comércio, dos carros, a violência.

Ante-hontem foi muito maior o entusiasmo do povo eplso festejos carnavalescos. O movimento na rua Halfeld, durante a noite, foi extraordinário, tendo também augmentado extraordinariamente o uso de lança-perfumes, de *confetti* e das serpentinas. O curso de automóveis enfeitados esteve bellissimo, nelle tomando parte muitas de nossas mais distinctas familias. As 7 horas da noite fez a sua entrada na rua Halfeld o club da *Mão-negra*, cujo pretito, organizado á ultima hora, causou grande successo. Abria o pretito luzida grada de honra, a cavallo, com dois clarins á frente. Seguia-se um bello carro allegórico, em homenagem ao comercio local. Depois deste vinha o mais bello de todos – um soberbo carro japonez, de deslumbrante effeito, iluminado á eletricidade, ornamentado com muito gosto e aparato. Dentro do carro, em uma rêde, ostentava-se interessante menina vestida á japoneza, perfeitamente caracterizada. Havia também um carro de successo, o da Cruz Vermelha, no qual um bando de senhoritas, todas de branco, extendiam saccolas ao público, solicitando obulos para as victimas da guerra. Os carros de critica foram tres, o *Barracão da Leopoldina*, allusão ao velho baracão que nesta cidade serve de estação daquella estrada de ferro, o Mutualismo de 4 por 3, critica ás celebres companhias de seguros, e o *Réco-Réco na cadeia*, allusão ao acto da policia prohibindo o uso desse *apetrecho* carnavalesco. Neste último carro havia também espirituosa critica ao Ascensor ao Morro da Liberdade, ás inundações e á falta d´agua na cidade. O prestito da *Mão-Negra*, além desses, compunha-se ainda de dezenas de carros e automoveis conduzindo familias phantasiadas, sobresahindo-se ainda o carro – reclame do *atelier* de costura das irmãs Gonçalves. O povo applaudiu com vontade o prestito, que realmente fez jús a taes aplausos, pricipalmente levando-se em linha de conta o pouco tempo de que dispuzeram os rapazes que o organizaram e ainda a época que atravessamos. Como sempre, a ordem, publica foi perfeita, o que ainda uma vez vem provar a cultura do nosso povo, a sua indole pacifica. Fóra pequeninos incidentes, de nenhuma importancia, nada houve que desse trabalho á policia, a qual se conduziu magnificamente durante os tres dias de Carnaval. Os bailes realizados no Club Juiz de Fora, no Bar Concerto e no edificio da Auxiliadora Portugueza prolomgaram-se até a madrugada de hontem, correndo todos em meio da maior animação. O serviço de vehiculos, apesar da enorme agglomeração de povo, correu normalemnte, não se registrando nenhum atropelamento. O coreto que nos annos anteriores era levantado na rua Halfeld, esquina da rua Direita, e que este anno não foi erguido, fez grande falta. A banda de musica da segundo batalhão viu-se obrigada a ir tovar no coreto levantado junto ao Bar Concerto, o qual, além de se achar fóra do local de maior movimento, estava simplismente horroroso, sendo um verdadeiro espantelho, um perfeito trambolho, com as suas pinturas, com os seus *letreiros* e com a sua *artistica*

*ornamentação.* O movimento na Confeitaria Rio de Janeiro, no Café Cascata e na Confeitaria Vienna foi grande [...] As casas que vendiam lança-perfume e confetti fizeram ante ontem grande negocio, tendo a venda excedido á dos dois dias anteriores. Felizmente para o publico folião, não houve explorações, sendo mantidos os preços de costume nos primeiros dias. (O PHAROL, 18/02/1915, p.1).

## Conclusão

O período analisado, 1876 a 1915, pode ser analisado como um momento na história de Juiz de Fora em que a cidade passou por um intenso processo de modernização. Assim, procuramos apresentar e discutir conceitos e sentidos da Modernidade, bem como compreender o lugar das práticas corporais e de diversão.

É nesse período que observamos em terras brasileiras, em cidades como o Rio de Janeiro, o desenvolvimento das práticas corporais e de diversão, também símbolos identificados com a sensibilidade moderna que se desenvolvia na época. Neste sentido, procuramos perceber se tal processo ocorreu em Juiz de Fora e elegemos o jornal *O Pharol*, principal meio de comunicação da época, como nossa fonte principal.

Identificadas como modernas, criticadas por alguns setores, defendidas e estimuladas pelo pensamento médico<sup>5</sup>, essas práticas corporais espalham-se primeiro pelas ruas da cidade. E percebemos através da pesquisa a atuação da imprensa neste processo de vulgarização das práticas corporais em Juiz de Fora.

O *Pharol* deu destaque às festas realizadas em Juiz de Fora: carnaval, bailes, *soirées* dançantes, saraus, festas beneficentes, bandas de música, concertos musicais e festas religiosas.

Essa questão traz novamente à tona a importância de bem compreender o *Pharol* como fonte para a pesquisa histórica, uma vez que ele não é uma instituição dada, mas

---

<sup>5</sup> Principalmente a ginástica.

sim um jornal composto por sujeitos sociais que possuem visões de mundo, expectativas, projetos políticos. Estes sujeitos, portanto, escrevem com determinadas intenções considerando, inclusive, quem lê.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Patrícia Lage. **Elos de permanência**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora: UFJF, 2006.

BERMAN, Marshal. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BLASENHEIM, Peter. **Uma história regional**: a Zona da Mata Mineira (1870-1906). 1982. Disponível em: <http://www.asminasgerais.com.br/zona%20da%20mata/uniVlerCidades/Hist%C3%B3ria/textos/texto4.htm>. Acesso em: 09 Mar. 2010.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril**: cortiços e epidemias na Corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras. 1996.

CHRISTO, Maraliz de Castro Vieira. **A “Europa dos pobres”**: Juiz de Fora na Belle – époque mineira. Juiz de Fora – EDUFJF, 1994.

CLARK, T. J. **A pintura da vida moderna**: Paris na arte de Manner e de seus seguidores. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

FLORES, Moacyr. Do entrudo ao carnaval. **Estudos Ibero-Americanos**, v. 22, n. 1, jun., 1999.

GIDDENS, Antony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

MELO, Victor Andrade de. O automóvel, o automobilismo e a modernidade. **Rev. Bras. Ciências, Esporte**, Campinas, v.30, n. 1, p. 187-203, set. 2008a.

\_\_\_\_\_. Remo, Modernidade e Pereira Passos: primórdios das políticas públicas de esporte no Brasil. **Revista Esporte e sociedade**, n. 3, jul.2006/out. 2006 a.

\_\_\_\_\_. A presença do esporte e do lazer em obras de arte: uma análise comparada de impressionistas e futuristas. **Fênix**: Revista de história e estudos culturais; v. 3, n. 3. Jul./set, 2006b.

\_\_\_\_\_. Esporte, propaganda e publicidade no Rio de Janeiro da transição dos séculos XIX e XX. **Rev. Bras. Ciências, Esporte**, Campinas, v. 29, n. 3, p. 25-40, maio 2008b.

MIRANDA, Sônia Regina. **Cidade, Capital e poder:** políticas públicas e questão urbana na Velha Manchester Mineira. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói: UFF, 1990.

OLIVEIRA, Almir. **A imprensa em Juiz de Fora.** Juiz de Fora: UFJF, 1960.

OLIVEIRA, Luís Eduardo de. **A constituição do núcleo urbano de Juiz de Fora e sua gradual transformação em principal centro comercial e manufatureiro da província de Minas Gerais.** XII Encontro Regional de História, ANPUH, 2006. Disponível em: <[www.rj.anpuh.org/resources/rj/Luis20Eduard20de%20Oliveira.pdf](http://www.rj.anpuh.org/resources/rj/Luis20Eduard20de%20Oliveira.pdf)>. Acesso em: 04 Mar. 2010

ORTIZ, Renato. Espaço e tempo. In: \_\_\_\_\_. **Cultura e modernidade:** a França no século XIX. São Paulo: Brasiliense, 1991, p.189-262.

O PHAROL. Juiz de Fora, 24 fev. 1881.

O PHAROL. Juiz de Fora, 26 fev. 1881.

O PHAROL. Juiz de Fora, 18 fev. 1915.

QUEIROZ, J. S. de. **Memória da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro num Século de Vida.** Rio de Janeiro: RIOARTE/ MEC, 1986.

SILVA, Máira Carvalho Carneiro. **Em Busca da Saúde.** XII Encontro Regional de História, ANPUH; 2006. Disponível em: <[www.rj.anpuh.org/rj/.../Maira%20Carvalho%20Carneiro%20Silva.pdf](http://www.rj.anpuh.org/rj/.../Maira%20Carvalho%20Carneiro%20Silva.pdf)> Acesso em: 09 Mar. 2010.

TOURAINÉ, Alain. **Crítica da Modernidade.** Petrópolis: Vozes, 1998.

WEBER, Eugen Joseph. **França fin-de-siècle.** São Paulo: Companhia das letras, 1988.

### **Endereço dos Autores:**

Carlos Fernando Ferreira da Cunha Junior  
Priscila Gonçalves Soares  
Universidade Federal de Juiz de Fora  
Faculdade de Educação Física e Desportos  
Campus Universitário S/N – Martelos  
Juiz de Fora – MG – CEP: 36036-900